

O CORPO



dezembro 82 / janeiro 83 nº 3

boletim do SOMOS
grupo de afirmação homossexual
caixa postal 22196 são paulo cep 01000
Plantão: rua abolição 244 · domingos às 15h

DOCE AMOR GAY NO CINEMA

O acontecimento cinematográfico mais previsível dos últimos tempos deve ter sido a estreia da primeira produção francamente gay do cinemão de Hollywood, "Fazendo amor", dirigido por Arthur Hill, o diretor de "Love Story". Previsível por várias razões, mas em primeiro lugar pelo conteúdo do filme. Tendo resolvido filmar uma história sobre relações homossexuais de forma "despreconceituosa", Hill parece ter ido ao outro extremo e produzido uma versão idealizada dos homossexuais que os torna aceitáveis à população americana em geral.

Se antes os homossexuais eram vistos como doentes ou pervertidos, agora eles são mostrados como extraordinariamente saudáveis. Aliás, não deve ter sido a toa que a profissão escolhida para Zack fosse a de médico. Bart, o escritor por quem ele se apaixona é também um garoto musculoso, obcecado com sua própria saúde, sendo dado a check-ups constantes, todos eles sempre confirmando suas excelentes condições físicas. Além disso eles são belos, jovens, simpáticos e ricos.

Previsível também foi a reação des

favorável da crítica especializada. Atenção do-se quase exclusivamente na banalidade do enredo. Com razão, mas o que não se valorizou devidamente foi o contexto onde surge este filme. Pois no cinema a homossexualidade, quando é apresentada, sempre surge como algo especial, às vezes diabólico (Deuses Maldidos), outras vezes como absurdamente ridículo (Gaiola das Loucas). O que raramente se coloca é o cotidiano, os pequenos detalhes da vida dos homossexuais. E este é um aspecto que o filme começa a explorar. O jogo de sedução entre o médico e o escritor, por exemplo, é bastante interessante como também são para nós, tupiniquins, as cenas filmadas no gueto gay de Los Angeles, retratando uma realidade que no fim não é muito diferente daquela existente no centro de São Paulo.

Duas grandes críticas podem ser feitas ao filme. Uma é o fato de tratar com mais simpatia a vida monogâmica e familiar do que a do escritor individualista, apresentando como incapaz de amar.

Outra é a forma com que a homossexualidade e a heterossexualidade são apresentadas como naturezas essenciais do indivíduo que deve fazer uma escolha entre um e outro, rechaçando qualquer ambiguidade que pudesse vir a colocar em questão as certezas burguesas que tornam a vida tão mais fácil de viver.

Neste festival de previsibilidades, está a última, o sucesso que o filme está fazendo entre os homossexuais brasileiros, ainda pouco acostumados com uma imagem totalmente positiva. Entre todas as representações estereotipadas sobre o assunto falta esta do homossexual "normal".

Edward Macrae



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO



Somos o espaço da resistência

Ao longo de quatro anos de existência, cheia de altos e baixos, alegrias, decepções, tumultos, emoções, temos tentado levar um trabalho organizado que dê as respostas possíveis às barreiras do preconceito social.

Temos hoje um espaço conquistado com unhas e dentes e que não foi fácil conquistar. Atravessamos tempestades, ouvimos improperios e absurdos, mas de forma corajosa e firme.

É bem verdade que não temos respondido à altura. Muita coisa tem ocorrido sem que tenhamos articulado uma boa resposta. Muitos perguntariam: o que fizeram os integrantes do Somos quando o Cláudio foi assassinado? Onde estavam vocês quando uma boite foi invadida por policiais de metralhadora em punho? Cadê o grupo quando o camburão chega na Marquês prendendo dúzias de pessoas por serem homossexuais?

As pessoas se esquecem que o grupo Somos como qualquer outro grupo não pode se dar ao luxo de ser papai e mãe dos homossexuais, pois estes precisam encontrar o seu próprio caminho e só encontrarão através da união e da consciência! Não adianta doutrinar (temos até ouvido

risadinhas de bichos que acha que O Somos não tem nada a ver) e isso seria ridículo, só achamos que se houvesse mais união e consciências entre os homos, essa força (nós somos essa força) seria algo concreto e visível, palpável e bonito!

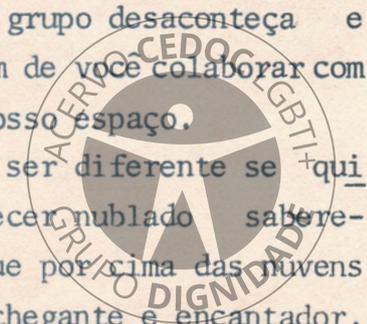
Pense bem, o que será de nós daqui a pouco, quando houver uma forte repressão? Se tivermos essa força concreta, a repressão policial esbarrará nela. Se tentarem assassinar a Marquês de Itu como fizeram com o pobre Largo do Arouche (quem não se lembra?), hoje relegado às traças.

É justamente por causa desta força, desta união e dos nossos espaços conquistados e por conquistar que insistimos na organização porque só através dela conseguiremos responder a atitudes baseadas em em puro preconceito e violência social.

Por tudo isso e muito achamos que tem a ver o Grupo Somos continuar existindo e dizemos isso porque temos segurado, a duras penas, a manutenção do nosso físico (R. Abolição, 244 - Bixiga), também conquistado com muita batalha e suor.

Ultimamente os reajustes do aluguel têm girado em torno de 100% e desta forma, se não houver uma ajuda, perderemos este espaço conquistado com tanta luta. Não queremos que o grupo desaconteça e isso depende também de você colaborar com a manutenção deste nosso espaço.

O amanhã pode ser diferente se quisermos, e se amanhecer nublado sabermos, pelo menos, que por cima das nuvens brilha um sol aconchegante e encantador.



Matam bichas na Argentina

Nestor Osvaldo

Saber o que acontece com os homossexuais na Argentina não é tarefa fácil. Primeiro porque os assuntos gays não saem nos jornais e segundo porque eles próprios (os gays) fazem o impossível para dissimular e sobreviver - pelo qual ainda pode se ver bichas com brincos pela rua, apesar de que usar brincos é frequente motivo de detenção.

Uma feminista portenha nos conta que "a repressão continua a mesma, ainda que permita alguns atos políticos para dar a ilusão de democracia, mas tudo sob controle". É difícil entender, mas na Argentina se alguém vai a um ato "autorizado" ou a um recital, à saída, pode ser levado preso para "averiguação de antecedentes" ou por estar trajando "vestimenta inadequada".

Mas a guerra das Malvinas parece haver insuflado 'ademanos' épicos aos policiais, fartos de seu rotineiro controle e perseguição aos gays, lésbicas, malucos, mulheres "independentes", prostitutas, enfim a todos os "diferentes" - isto sem contar a repressão política, sempre ativa apesar da permissividade aparente.

Assim, há alguns meses, um grupo parapolicial sabotou um teatro onde se levaria uma peça com atores presumidamente - nem sequer declaradamente - homossexuais, ameaçando desatar uma "caça aos maricões"

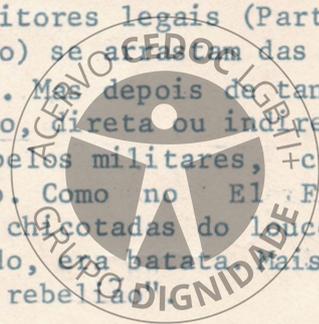
A ameaça de uma guerra santa contra os "putos" não é nova na Argentina. Em 1974, um comando parapolicial da direita peronista baleava uma boite gay suburbana. Em 1975, o grupo facista 'O Caudilho' convocava a população para acabar com os homossexuais, prometendo linchá-los nas praças públicas.

Após o golpe, a repressão contra a

homossexualidade torna-se especialmente com o Mundial de 1978 - tão absoluta que é impossível distinguir os parapoliciais. Porém, este é um método comum com que a polícia faz-se passar por entendidos, inclusive sacudindo o pênis ereto nos mictórios, para logo chantagear ou arrastar o homossexual (quem será homossexual aqui?).

Esta metodologia, que inclui saquear a caça dos caçados, parece ter se radicalizado: em meados de 1982, apareceram dezoito cadáveres de bichas em departamentos do bairro residencial de Buenos Aires (Barrio Norte). Contam que os gays desapareceram aterrorizados das ruas embora as lésbicas continuassem a circular com maior honra. A relativa independência das mulheres argentinas, que passeiam sozinhas à noite, as ajuda a dissimular-se, o que não as exime - nem as lésbicas, nem as prostitutas - da repressão.

Tal controle tão terrorista da população em meio à ruína total daquele país é evidenciado por um fator historicamente atual. A ditadura, em vez de ser arrastada por sua derrota na absurda guerra das Malvinas, parece haver se recuperado relativamente. Os políticos de todas as cores inclusive os trotskistas! - levados por uma ideologia "nacionalista" que o regime se preocupou em insuflar para tapar a sua repressão e seu massacre de "inimigos da pátria", desejando envolver-se nessa merda, chamaram os rapazes a colocar-se em nome da liberdade, às ordens dos torturadores, corruptos e assassinos. Este erro letal se está pagando agora com a relutância dos militares, temerosos do efeito Nuremberg, a deixar o governo. Com a promessa de eleições, os opositores legais (Partido Comunista incluído) se aterrorizam das formas mais obscenas. Mas depois de tantas décadas de governo, direta ou indiretamente controlado pelos militares, criou-se um certo hábito. Como no El Fiord: "... as fabulosas chiscotadas do louco acabaria me deliciando, era batata. Mais uma, e pra merda com a rebelião".



Um lance na Marquês

O CORPO 04.

Na Marquês tem homens de dia, homens da noite. Muita fantasia. Na Marquês tem melancolia, a caça perdida, o choro de um caso, tem uma piada picante e o delírio da transação.

Na Marquês tem o Bar da Celeste que discrimina a bicha pintosa. Lugar delas é no Sonrisal Cheguei - coisa horrorosa: onde, por sua vez, borbulha e ferve sob o sorriso cúmplice da complacente Lourdes. Afinal, quem pode mais, chora menos e todos pagam por algo que faça a ca-beça.

Na Marquês tem o HS que segrega os homos mais bem remunerados e que é próprio para quem gosta de passear se acotovelando sem puxar sua palavra, porque o som não deixa.

Na Marquês tem os coletivos, de onde caras surpresas e atônitas observam pelas janelas aquela estranha fauna, como se estivessem visitando um zoológico. Tem ainda camburões que hostilizam, quando não levam de surpresa as bichas do pedaço.

Na Marquês tem comentários de pois. Quem foi, apenas foi, e, dali alguns minutos, é esquecido pelas risadas e frega. Quem ficou, comenta a violência policial ("um absurdo, mas a gente não pode fazer nada, né?").

Na Marquês tem interesse comercial (bicha consome). Tem amores perfeitos, desfeitos, esperanças. Na Marquês tem diversão, lazer, esquecimento da semana de trabalho vai ficando para trás.



O frega em cordel

Que viveu verã

o geraçãozinha para dar!

Dar risada nada acanhada
e rolês pela calçada até madrugada
chegar

Quem viveu verã

pingas, cervejas e gritos
um rapaz muito bonito a um outro se
esfregar

uma mão roubando a outra
um beijo em rosto anônimo
e um modelito a passear

Quem viveu verã

uma Lourdes sorridente
servindo um povo contente
que, segundo as boas línguas
são bichas efervescentes.

Quem viveu verã

uns plutos muito gostosos
por ali a faturar
quem quiser ganhar dinheiro abra na
Marquês um bar.



DIGITALIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

APOIO FINANCEIRO

Autonomia dois anos depois

No Movimento Homossexual Brasileiro - MHB - a autonomia tem sido motivo de várias polêmicas, manobras, brigas, ruptura de casos e arranhões. Acabou num racha ou dois ou três. Motivo: a "imagem do Somos-SP" estaria muito ligada à imagem da "Convergência Socialista (CS)". À ameaça deste "perigo vermelho" responderam com um piquete no dia 19 de maio de 1980, como negativa à presença no ato do ABC pelo Dia dos Trabalhadores, de importância realçada pelas recentes greves.

Qual é o quadro hoje? A maior parte dos integrantes de outrora, e os novos, está filiada, votou no PT, além do que fez campanha para alguns candidatos desse partido onde também milita e antigamente não citada CS!!!

A facção homossexual da CS cuja estrutura espalhava-se pelo Brasil afora em julho de 1981 (vide declarações do Jimmy em Salvador), morreu silenciosamente, asfixiada quiçá. Não se reivindicavam autônomas.

A gostosa linguagem do Lampião não existe mais para denunciar a situação dos homossexuais em Cuba, nem para misturar os sobrenomes de militantes paulistas e cariocas com siglas tais como CS ou PCB¹. Seu filho, Pleigui, nasceu do casamento com a "sociedade de consumo" cuja apologetia fez em seu primeiro número. Naturalmente morreu logo, pois nada mais chato para alienação do que ser chamada pelo nome: militância para o consumo não se faz falando a favor dele, mas oferecendo bons produtos. Eram autônomas?

O Grupo Gay da Bahia - grupo mais robusto do Brasil - pretender barganhar e apoiar o partido que lhe oferece mais. Lembremos que este grupo conta com o sustento de um aglomerado de anarquistas do Inimigo do Rei.

O Somos-Auê, Rio de Janeiro, antes de voltar ao sono, rejeitou uma inquietante proposta de engajamento no PT. Em seguida esses petistas mergulharam na eleitoral campanha eleitoral. No Rio, o armamento da polícia encontra ardoroso defensor num militante-escriva-chanceler do Movimento Homossexual, que junto com outro carioca, que naquele épico momen-

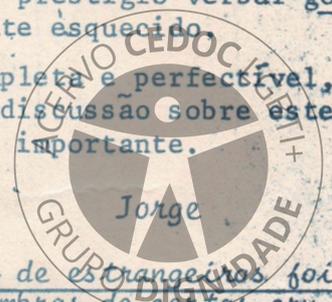
to, punha o grito no céu perante as siglas CS - apresentam um arrebanhado de interessantes reivindicações que "acreditam interpretar o pensamento de 5.300.000 eleitores brasileiros". E verbalmente adicionam a necessidade do apoio explícito aos candidatos que se aceitam para depois lhes poder cobrar, caso não as cumpram. Ora essa!

Autonomia questões malditas: das demais reivindicações contidas no Movimento Homossexual Paulista são seis sobrevividas. Convenientemente aparadas foram apresentadas aos partidos políticos. Excluiu-se, por exemplo, a que conciercia à minoridade. E, posteriormente rejeitou-se a que pedia o fim da lei de vadiagem e o desarmamento da polícia. O que nitidamente contrasta com o fato de que alguns comitês eleitorais (autonomistas) aceitassem estas palavras de ordem e que a modificação da atual estrutura política e a extinção da violência por ela originada contasse de plataformas eleitorais partidárias.

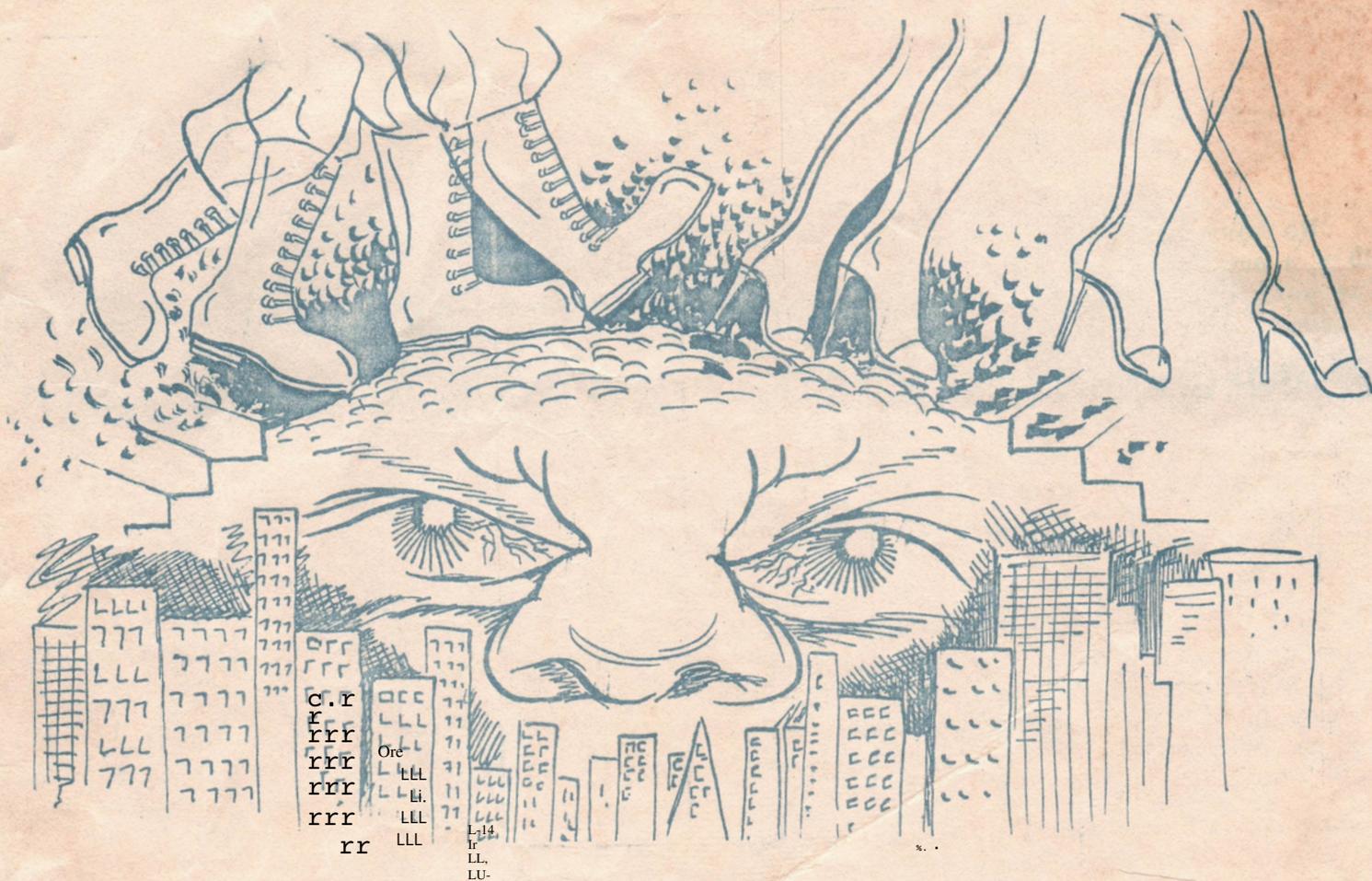
A passagem do cometa Guattari pelo Brasil restou - efemeramente e desde sua perspectiva - os brilhos da autonomia. Daí o alvoroço que tomou conta de ativistas de São Paulo quando da outorga de licença para "transitar" pelos partidos políticos, Igrejas da vida, etc. Num artigo deste mesmo Boletim um apologista pudicamente esclarece que "não considerará Guattari o mestre da última palavra", ao mesmo tempo que classifica a autonomia de ingênua. Como combinar isto com o fato de que a lista de meia dúzia de reivindicações continha uma severa advertência de que os grupos não apoiaram candidato ou partido algum nestas eleições?

E finalmente lembremos que o anarquismo que então de tanto prestígio verbal gozara, foi completamente esquecido.

Esta nota - incompleta e perfectível, pretende re-lançar a discussão sobre este tema, que acreditamos importante.



¹ A ameaça de delação de estrangeiros foi também usada por membros de certos grupos.



VIOLENCIAIS

Chrysóstomo continua encarcerado. Seu descabido processo (arranjos psiquiátricos forenses) continua empacado nos corredores da justiça fluminense. Na prisão Chrysóstomo, ex-redator do Lâmpião escreveu uma peça: "Olho no Olho". Neste dia 14, às 20 horas, será lida no Teatro Ruth Escobar, Sala Gil Vicente, por um grupo de atores vindos do Rio especialmente para a ocasião. Após a leitura da peça, haverá um debate sobre o Direito à Diferença.

Falando nisto, a situação de Caterina Koltai está difícil diante do ataque exercido pelo Deops a seu panfleto "DESOBEDEÇA" (lembra-se?). Ora pois, tem um processo em cima - a Caty é forte - porém vai precisar do apoio de todos que sacam o absurdo dessa perseguição (aliás, de qualquer perseguição). Logo que se organizar alguma manifestação vocês ficarão sabendo dos detalhes.

O programa de Martha Suplicy sobre questões de sexualidade na TV Globo foi suspenso. É um sufoco. Só tem absurdo por aí!!! No dia 3, teve manifestação em frente à emissora (Venus nada frodisiacaplatinada) que não está decadente uma vez que nunca esteve no alto.

Esta batalha de Martha não pode ser abandonada - ninguém mais quer saber de inquisição (militar, é claro).

Retificando

Com respeito ao artigo do número anterior do Corpo - Homossexualidade e eleições - temos duas retificações a fazer. Primeiro, os partidos políticos já existiam na Grécia Antiga e, modernamente, surgiram na Revolução Gloriosa da Inglaterra, cerca de 200 anos antes da Revolução Francesa.

No Brasil, a organização partidária começou ainda no tempo colonial e se estabeleceu definitivamente com a proclamação da Independência.

EXPEDIENTE:

Redação: Ivan Gabriel, Edson e Pedro

Composição do Texto: Ivan

Ilustração: Toninho

